



Música sobre quilombo não é racista, decide TJ gaúcho

A 6ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul confirmou, por unanimidade, que a música “Quilombo das Luzia”, de autoria de Pedro Ortaça e Júlio César Fontele dos Santos, não tem conteúdo racista. Com este entendimento, o colegiado considerou improcedente o recurso interposto pelas filhas de Luzia Rodrigues Nenê, que morreu em fevereiro de 1996, contra sentença que chegou a mesma conclusão em primeiro grau. A juíza Letícia Bernardes da Silva, da 6ª Vara Cível da Comarca de Caxias do Sul, também entendeu que a música não é racista. O julgamento do caso aconteceu no dia 24 de fevereiro. Cabe recurso.

Na ação contra Pedro, Júlio César e a ACIT Comercial e Fonográfica Ltda, as cinco filhas afirmaram que se sentiram lesadas pela exposição pública, sem consentimento delas, do nome da mãe e da tia na música “Quilombo das Luzia”. Também atribuíram a prática de racismo e ofensa à imagem da família. Requereram o pagamento de indenização pelos danos morais e materiais.

O desembargador Artur Arnildo Ludwig, relator do recurso, disse que não há qualquer conteúdo racista na letra. “A letra nada mais é do que um resgate histórico de um quilombo que existiu em Santo Antônio das Missões e não atinge a imagem e a honra daquele povo.” Ele observou ainda que, conforme ressaltado pela juíza de primeiro grau, não há prova nos autos capaz de demonstrar efetivamente que a pessoa referida na música é a mãe das apelantes. Por fim, ele afirmou que não há, no caso, qualquer conteúdo ofensivo oriundo da letra capaz de configurar o agir ilícito — elemento essencial para caracterizar a responsabilidade civil.

Veja o conteúdo da letra da música:

De além-mar vieram os negros africanos para o Brasil. Não por vontade própria. Vieram como escravos. Pelearam em guerras e revoluções, para defender uma pátria que nem sua era. Inclusive, o Rio Grande do Sul. Espalharam a sua cultura por todo este continente. Na vila 13, nas Missões, também existia um quilombo...

Das Luzia...

Que era bem assim...

Raça negra dominando na vila 13 vivia

Carvão na pele curtida

Brasa no olho que ardia

E a liberdade na alma no quilombo das Luzia

Africanos quase puros

Uma clã de raça brava

Que quando estanha os olhos

Ou quando afrouxa a baba

Ficam pior que temporal

Quando com fúria desaba.



*Certa feita, a autoridade
Quis prender as negras Luzia
Foram os ratos e os baíos
E mais o povo que podia
E o quilombo pegou fogo
E o chão de medo tremia*

*Peleavam se conversando
Cotejando no facão
Não gostavam dos de farda
Dos paisana também não
E a cada estouro das negras
Um branco beijava o chão*

*Enquanto da briga crescia
Que cerrava a polvadeira
As Luzia davam laço
Com panela e com chaleira
E até os negrinhos de colo
Davam pau com as mamadeiras*

*— Anda lacaio, negro não ameaça, negro dá!!!
A negra fúria guerreira
Não se dobra ao opressor
Enfrentam de alma aberta
O chicote e o feitor
Quem nasceu para ser livre
De pouco interessa a cor.*

Com informações da Assessoria de Imprensa do TJ-RS.

Date Created

09/03/2011